



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Sehnem, Alyne; Macke, Janaina; Locatelli Bertolini, Adriana
Uma avaliação do capital social dos alunos da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)
Ciências Sociais Unisinos, vol. 47, núm. 2, mayo-agosto, 2011, pp. 129-140
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93820782004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma avaliação do capital social dos alunos da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)

An evaluation of the social capital of students of the University of the West of Santa Catarina (UNOESC)

Alyne Sehnem¹
alyne_smo@yahoo.com.br

Janaina Macke²
jmacke@terra.com.br

Adriana Locatelli Bertolini³
locatelli.bertolini@gmail.com

Resumo

O conceito de capital social relacionado com o desenvolvimento econômico de regiões e países começou a ganhar importância na década de 1990. Apesar disso, a mensuração do capital social ainda enfrenta algumas dificuldades, por necessitar de uma combinação de medidas estatísticas para encontrar resultados fidedignos com a realidade da comunidade analisada. Esse estudo tem como objetivo avaliar o nível de capital social de estudantes universitários em três municípios do Extremo Oeste Catarinense: Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste. Foi utilizada como base a pesquisa bibliográfica fundamentada nos estudos de Macke (2006), Macke et al. (2010) e o modelo desenvolvido por Onyx e Bullen (2000). Foram utilizadas as ferramentas estatísticas de análise descritiva, análise fatorial, análise de regressão e análise de variância, com o auxílio do software SPSS (Statistical Package for the Social Science). Os resultados apontam as variáveis relacionadas à "Participação na comunidade" como sendo os menores níveis de capital, enquanto as variáveis relacionadas ao "Sentimento de segurança" e aos "Vínculos de trabalho" obtiveram os melhores desempenhos. A análise das descobertas da pesquisa leva em conta os aspectos socioculturais da região em estudo e procura, assim, construir relações que estejam alinhadas com as especificidades e com as forças endógenas do local.

Palavras-chave: capital social, comunidade, survey, desenvolvimento local.

Abstract

The concept of social capital related to the economic development of regions and countries began to achieve significance in the 1990s. Nevertheless, the measurement of social capital still faces some difficulties, because it requires a combination of statistical measures to find results that are reliable for the reality of the given community. The present study aims to measure the social capital level of undergraduate students in three cities of the Far West of Santa Catarina (south of Brazil), viz. Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste. The survey relies on previous works by Macke (2006), Macke et al. (2010) and the evaluation model proposed by Onyx and Bullen (2000). Descriptive statistics, factorial analysis, linear regression and analysis of variance have been used, through the software SPSS (Statistical Package for the Social Science). The results point out the variables related to "Participation in the community" as having the lowest levels of social capital, whereas the variables related to "Feelings of safety" and "Work connections" reach the best performance. The analysis of the results considers the sociocultural aspects of the region and aims to find elements related to the characteristics and the endogenous forces of the community.

Key words: social capital, community, survey, local development.

¹ Mestre em Administração pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Coordenadora dos Cursos de Administração na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) nos Campus de Maravilha e Pinhalzinho e na Unidade de Mondai. Rua Valério Zawadski, 710, 89874-000, Maravilha, SC, Brasil.

² Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professora e pesquisadora do mestrado em Administração e do mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul; Coordenadora do grupo de pesquisa Teoria Social nas Organizações (TSO). Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Bairro Petrópolis, 95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil.

³ Aluna do mestrado em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Bairro Petrópolis, 95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil.

Introdução

O conceito de capital social relacionado com o desenvolvimento econômico de regiões e países começou a ganhar importância na década de 1990 com a obra de Robert Putnam *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Nessa obra, Putnam conceituou o capital social como característica da organização social, citando como exemplo a confiança, normas e redes, que podem melhorar a eficiência da sociedade, facilitando ações coordenadas.

No trabalho realizado pelo autor durante duas décadas, constatou-se que a acumulação de capital social definiu o desenvolvimento da região norte da Itália. Por outro lado, a sua carência determinou o atraso econômico observado na região sul (Putnam *et al.*, 2002).

No decorrer dos anos, os estudos sobre o tema capital social foram abordados por diferentes áreas de conhecimento, tais como a sociologia, as ciências políticas, a administração, a economia. Essas áreas buscavam compreender as suas relações com o empreendedorismo, a economia social, os estudos regionais. Para Milani (2003), as redes de compromisso cívico, as normas de confiança mútua e a riqueza do tecido associativo são consideradas fatores fundamentais do desenvolvimento local, tanto urbano quanto rural.

A difusão do conceito de capital social no meio acadêmico ocorreu devido à valorização das relações e estruturas sociais no discurso político e na ótica econômica no sentido de introduzir uma dimensão normativa em sua análise; o reconhecimento dos recursos embutidos em estruturas e redes sociais não contabilizados por outras formas de capital; o ambiente político-econômico emergente que levou a um reposicionamento dos papéis do Estado e da sociedade; a compreensão e utilização transversal do termo capital social por diferentes disciplinas; e o potencial de alavancagem política do conceito (Albagli e Maciel, 2002).

Desde o princípio, o conceito foi utilizado para elucidar uma gama de fenômenos sociais; no entanto, com o passar dos anos os pesquisadores concentraram sua atenção não só no papel do capital social como influenciador do desenvolvimento do capital humano (Coleman, 1988), mas também sobre a sua influência no desenvolvimento das regiões geográficas (Putnam *et al.*, 2002), e também no desenvolvimento das nações (Fukuyama, 2000).

Este estudo tem como objetivo avaliar o nível de capital social de estudantes universitários em três municípios do Extremo Oeste Catarinense: Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste. Nas seções a seguir, serão apresentados o referencial teórico do estudo, com destaque para os estudos de mensuração de capital social, os procedimentos metodológicos e, por fim, os resultados e a discussão dos mesmos.

Conceitos e dimensões do capital social

Bourdieu (1986) desenvolveu o conceito de capital social como parte de um projeto mais amplo para a compreensão

sobre como as relações de diferença, o poder e a dominação são criados e sustentados, e também como os atores sociais operam dentro destes conjuntos de relacionamentos. O autor destaca a possibilidade de apresentação do capital social em três formas fundamentais: o *capital econômico*, que é conceituado pela sua conversão em dinheiro; *capital cultural*, que também pode ser convertido em capital econômico e institucionalizado em habilitações literárias; e, *capital social*, composto das obrigações sociais.

Considerado como um fenômeno coletivo, o capital social agrega os recursos reais e potenciais que estão ligados a uma rede durável de relações (Bourdieu, 1986; Siisiäinen, 2000). De acordo com Nahapiet e Ghoshal (1998), o capital social pode ser definido como a acumulação dos recursos reais e potenciais incorporados, disponíveis e derivados da rede de relacionamentos possuída por um indivíduo ou unidade social. Nesse contexto, a unidade social pode ser entendida como uma equipe, grupo ou mesmo uma organização (Lee e Sukoco, 2007). O capital social de um indivíduo depende do tamanho da rede que ele é capaz de mobilizar e também do capital econômico, cultural e simbólico possuído pelos membros da rede a que ele está conectado. Por capital simbólico entende-se qualquer forma de capital que pode ser representada ou apreendida numa relação de conhecimento (Bourdieu, 1986). Para o autor, um fator essencial para o desenvolvimento do capital social é o tempo, uma vez que constitui uma forma de história e é fruto de um processo contínuo e estável.

No Quadro 1, estão descritos os principais conceitos de capital social no decorrer dos anos. O termo capital social, como se pode observar, faz parte das pesquisas desde o início do século XIX. No entanto, somente a partir da década de 1990 o tema passou a receber maior destaque. Nessa época, o Banco Mundial começou a utilizar o conceito de capital social vinculado às questões relacionadas à pobreza, bem como no processo de avaliação dos projetos a ele submetidos. Para o Banco Mundial (2009a), o capital social e cultura são as "chaves para o desenvolvimento"; logo, seus projetos devem levar em consideração os valores sociais do meio onde será efetivado.

Dessa forma, o Banco Mundial (2009a) passou a considerar quatro formas de capital: *capital natural*, recursos naturais de que é dotado um país; *capital financeiro*, aquele produzido pela sociedade e que se expressa em infraestrutura, bens de capital, capital financeiro, imobiliário, entre outros; *capital humano*, definido pelos graus de saúde, educação e nutrição de um povo; e *capital social*, capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos. Para essa instituição, o capital social não é considerado apenas a soma das instituições que sustentam uma sociedade, mas sim representa a cola que as mantém juntas a fim de prosperarem economicamente e para que o seu desenvolvimento seja sustentável.

A fim de transpor a teoria do capital social para uma construção prática, o Banco Mundial (2009a) desenvolveu o *Social Capital Implementation Framework* (SCIF). Criado com base

Quadro 1. Utilização do conceito de capital social no decorrer dos anos.**Chart 1.** The use of social capital concept over the years.

1830	Alexis de Tocqueville	Observou um contraste entre a França e os EUA. Americanos formam associações. Possuem liberdade de imprensa, associações voluntárias e práticas de igualdade. Tem seu foco na capacidade associativa. Seu conceito repercute no aperfeiçoamento das instituições e ampliação da vida democrática.
1916	Lyda Judson Hanifan	A comunidade se beneficiaria da cooperação de todos e quando as pessoas criam o hábito de se relacionar, por razões sociais, de lazer e econômicas, esse "capital social", ou seja, essa rede de relações pode ser dirigida para o bem-estar da comunidade.
1950	John Seeley	Capital social assinala como o pertencimento de moradores suburbanos a certos clubes e associações facilitavam o acesso a outros bens e a direitos, ainda que simbólicos.
1960	Jane Jacobs	Enfatizar a importância de redes informais de sociabilidade nas grandes metrópoles e para demonstrar como sólidas redes sociais em áreas urbanas de uso misto constituíam uma forma de capital social que encorajava a segurança pública.
1970	Glenn Loury Ivan Light	Capital social foi utilizado para analisar o desenvolvimento econômico em áreas centrais das grandes cidades americanas.
1973	Granovetter	Foca nas redes sociais, laços fortes e fracos e pontes. Repercute na presença de atores viabilizando pontes entre grupos e redes distintas.
1980	Ekkehart Schlicht	Utilizou o conceito para sublinhar a importância que a organização social e a ordem moral têm para o desempenho da economia.
1980	Pierre Bourdieu	Agregador de recursos, reais ou potenciais, que possibilitavam o pertencimento duradouro a determinados grupos e instituições. Tem seu foco na sinergia gerada pela agregação de recursos e mobilizados por meio das redes sociais. Seu conceito repercute na eficiência das redes de relações sociais, modo de dominação, capital cultural.
1980	James Coleman	Normas sociais como guias de ação para o indivíduo, como expectativas que expressam se nossas ações estão certas ou erradas. Foca seu conceito na função ou efeito do capital social e ênfase em redes densas e fechadas, que repercute no desenvolvimento da estrutura social e busca do autointeresse.
1984	Albert Hirshman	Capital social é aquele que aumenta dependendo da intensidade de seu uso, no sentido de que praticar cooperação e confiança produz mais cooperação e confiança, logo, mais prosperidade.
1990	Banco Mundial	O capital social constitui uma cola que mantém as instituições em contato entre si e as vincula ao cidadão visando à produção do bem comum.
1990	Robert Putnam	Debate sobre o papel do capital social e da sociedade civil na Itália e nos Estados Unidos. Seu conceito foca na confiança, coesão social, participação, gerando conexões e redes, e se reflete no desenvolvimento socioeconômico e aperfeiçoamento institucional.
1992	Burt	No capital social, o autor destaca a importância das redes abertas e cheias de "buracos estruturais". Os atores estão localizados em posições estratégicas nas redes.
2000	Francis Fukuyama	Relações entre prosperidade econômica, cultura e capital social.
2001	Lin	Seu conceito para o capital social destaca os investimentos em relações que geram benefício. O capital social é entendido como de propriedade do ator que o detém.

Fonte: Adaptado de Araujo (2003) e Vale *et al.* (2006).

em resultados de duas revisões de projetos de turismo interno e externo com base nos componentes do capital social, o principal objetivo do SCIF é fornecer orientações sobre como o capital social pode ser incorporado nas operações.

No meio acadêmico, o conceito de capital social ganhou notoriedade na década de 1990 com o lançamento do livro "Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna", de

Robert Putnam, Robert Leonardi e Raffaella Y. Nanetti. Nessa obra, é retratada a pesquisa realizada durante duas décadas a fim de analisar o desenvolvimento das regiões italianas a partir da implantação do processo de descentralização administrativa naquele país. O intuito dos autores era avaliar o impacto da descentralização na diminuição das desigualdades regionais na Itália. Ao final das duas décadas, os autores constataram ser o

Norte a região mais desenvolvida em relação ao Sul, fato atribuído ao maior estoque de capital social daquela região.

Com isso, Putnam *et al.* (2002) consideram o capital social como um facilitador da cooperação espontânea, afirmando que esse conceito “diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (Putnam *et al.*, 2002, p. 177). Para Lin *et al.* (2009), o capital social é definido como os novos contatos que um usuário pode ter por meio de seus contatos diretos. Esta visualização é privada e personalizada para cada usuário. Capital social também pode ser definido como os recursos embutidos nas redes sociais das pessoas, recursos que podem ser acessados ou podem ser mobilizados pelos laços das redes.

No que tange ao conceito de capital social, tem-se que os autores destacam algumas peculiaridades que precisam ser observadas, tais como: a não existência de um consenso quanto ao conceito (Bourdieu, 1996, 2000; Nahapiet e Ghoshal, 1998; Putnam *et al.*, 2002); a relevância do contexto na definição das variáveis e fatores do capital social (Bebbington, 2007; Bourdieu, 1986; Foley e Edwards, 1999; Molyneux, 2002); a particularidade da categoria do capital social, o que representa uma questão bastante controversa entre os pesquisadores do tema (Meda, 2002; Burt, 1992; Nahapiet e Ghoshal, 1998; Lee e Sukoco, 2007); o capital social como propriedade de uma sociedade, uma comunidade ou um recurso operacionalizado por indivíduos a fim de atingir determinados objetivos (Burt, 1992; Aldrich e Zimmer, 1986; Birley, 1985; Uzzi, 1996; Walker *et al.*, 1997; Adler e Kwon, 2002; Burt, 1992; Nahapiet e Ghoshal, 1998; Tsai e Ghoshal, 1998; Carolis e Saporito, 2006); a necessidade de conexão exclusiva do capital social com um efeito positivo (National Statistics, 2001; Putnam, 2000).

Para a OECD (2009), o capital social é definido como as redes e as normas, valores e crenças que facilitam a cooperação dentro e entre os grupos. O capital social se tornou um fator central a ser considerado na análise da sociedade do conhecimento, nos estudos do desenvolvimento humano, individual e coletivo. Esse capital abrange diversos aspectos das redes sociais, normas e relações a fim de criar sinergias e construir parcerias. A exemplo do Banco Mundial, a OECD também considera o capital social como a cola que une as comunidades, organizações, empresas e diversos grupos sociais e étnicos.

Em uma iniciativa do *Saguaro Seminar: Civic Engagement in America at Harvard University*, o *BetterTogether* (Saguaro, 2009) define como premissa central do capital social o valor que as redes sociais possuem. O capital social refere-se ao valor coletivo de todas as redes sociais (que as pessoas conhecem) e as tendências que surgem a partir destas redes (normas de reciprocidade). O termo capital social enfatiza uma variedade de benefícios bastante específicos que decorrem da confiança, reciprocidade, informação e cooperação ligadas às redes sociais.

Nahapiet e Ghoshal (1998) consideram o capital social como uma capacidade organizacional que facilita a criação e a partilha de conhecimentos. Os autores integraram as diferentes facetas exploradas sobre capital social a fim de defini-las em três

dimensões distintas e procurar os modos como cada uma destas dimensões facilita a combinação e troca de conhecimentos. Essas dimensões, apesar de classificadas separadamente, devem ser compreendidas como elementos altamente relacionados. As dimensões do capital social são: estrutural (representada pela estrutura de rede), relacional (representada principalmente pela confiança) e cognitiva (representada pela visão compartilhada entre as unidades) (Li *et al.*, 2007). As dimensões do capital social e seus principais elementos podem ser visualizados no Quadro 2.

Quadro 2. Dimensões do capital social.

Chart 2. Social capital dimensions.

Dimensões do capital social		
Cognitiva	Estrutural	Relacional
Valores Narrativas compartilhadas Cultura Códigos	Redes de relacionamento Estabilidade Densidade Configuração Conectividade	Confiança Normas de reciprocidade Participação Obrigações Tolerância à diversidade

Fonte: Adaptado de Nahapiet e Ghoshal (1998).

Tipos de capital social

Onyx e Bullen (2000) realizaram um estudo que buscava contrastar as características de capital social em cinco áreas urbanas e rurais da Austrália. Verificaram que as áreas rurais destacavam-se por possuir maiores níveis de participação e apoio mútuo, variando consideravelmente a componente tolerância à diversidade do capital social entre as áreas rurais e centros urbanos (Currie e Stanley, 2008).

Com isso foram identificados diferentes tipos de capital social: união (*bonding social capital*), ponte (*bridging social capital*) e ligação (*linking social capital*) (Passey e Lyons, 2006). Os tipos de capital social refletem os diferentes papéis que as redes podem desempenhar na formação do desenvolvimento econômico de uma sociedade (Sabatini, 2008). Estas definições exploram perspectivas positivas e negativas associadas aos tipos de capital social. O capital social pode ser positivo quando os membros do grupo têm acesso a privilégios, recursos e apoio psicológico. Por outro lado, pode ser negativo quando se coloca aos membros do grupo restringindo sua expressão individual e sua liberdade (Currie e Stanley, 2008).

Bonding Social Capital diz respeito às redes fechadas, como a família, e em alguns casos o trabalho. Esse tipo de capital social provém de relações mais estreitas e laços mais densos, o que, dependendo da sua utilização, pode levar a práticas de exclusão por motivos raciais, religiosos e grupos culturais.

Bridging Social Capital é um recurso espalhado entre as redes e que permite o acesso de pessoas de várias redes, representando, portanto, recursos e oportunidades. Esse tipo

de capital social é percebido entre os grupos que são diferentes, em termos de idade, posição social, etnia ou outras funcionalidades. Como o *bridging social capital* é caracterizado por ser formado por grupos mais heterogêneos e suas conexões serem mais suscetíveis devido à sua fragilidade, é um tipo próprio para a promoção da inclusão social, em contrapartida ao *bonding social capital*, que pode aumentar a exclusão social.

Linking Social Capital surge como um meio para a obtenção de recursos e, para tanto, é próprio para indivíduos e grupos que têm como característica a autonomia e o poder.

Mensuração do capital social

A mensuração do capital social é um tema discutido por alguns autores. Observa-se que para o trabalho de mensuração, ao longo dos últimos 20 anos, diversos instrumentos e indicadores foram desenvolvidos. No entanto, muitos desses instrumentos não foram desenvolvidos especificamente para a verificação desse tipo de capital (Gaag e Snijders, 2003).

Robert Putnam, coordenador do *Saguaro Seminar on Civic Engagement in America* (2009), da Universidade *Harvard Kennedy School of Government*, acredita que a mensuração do capital social é importante por três motivos:

- (a) A mensuração torna o conceito de capital social mais tangível;
- (b) Ele aumenta o investimento em capital social: é possibilitado à sociedade visualizar os resultados e a construção de mais capital social;
- (c) A mensuração ajuda as organizações a construir mais capital social. Tudo o que envolve a interação humana pode ser utilizado para criar capital social.

O capital social engloba fatores qualitativos que remetem as pesquisas a uma série de indicadores. Assim, a mensuração do capital social pode enfrentar algumas dificuldades e necessitar de uma combinação de medidas estatísticas para encontrar resultados fidedignos com a realidade da comunidade analisada.

Putnam *et al.* (2002) utiliza dois tipos de medidas estatísticas para mensuração do capital social: o primeiro engloba as informações sobre grupos e seus membros, clubes esportivos, partidos políticos, hábito de leitura de jornais, detalhamento das atividades desenvolvidas pelas pessoas no período em que estão acordadas. O segundo tipo diz respeito a pesquisas que fazem uma série de perguntas acerca de valores e comportamentos, tais como a *General Social Survey* e a *World Values Survey*.

Para Fukuyama (2000), a mensuração do capital social deve considerar três fatores. O primeiro destaca o capital social como uma dimensão qualitativa que precisa levar em consideração a natureza coletiva da qual um grupo é capaz. Nesse sentido, devem-se considerar a sua dificuldade inerente, o valor da produção do grupo e a sua capacidade de empreender tal produção em condições adversas.

O segundo fator diz respeito às externalidades positivas da participação em um grupo, ou "raio positivo de confiança". Por externalidade entende-se o benefício ou custo de determinada atividade que recai sobre uma parte externa a essa atividade. Como exemplo de externalidade pode-se citar o cuidado com o jardim e a manutenção da boa aparência da sua residência, que beneficia também seus vizinhos. Outro exemplo que pode ser citado é a poluição, um custo que é pago por pessoas que não foram responsáveis pela sua criação. Assim, o capital social em alguns grupos gera laços de confiança (capital social) entre pessoas que não pertencem a esse grupo.

O terceiro fator são as externalidades negativas. Grupos que têm problemas em cooperar entre si, revelando-se pela promoção da intolerância, ódio e ainda a violência com relação a não membros. Os laços que unem esses grupos os tornam menos adaptáveis pelo fato de isolá-los das influências do ambiente que os cercam.

Uma abordagem alternativa para a medição do capital social é a observação da sua ausência. Essas informações podem ser obtidas por meio de medidas tradicionais de deficiências sociais, tais como os índices de criminalidade, famílias desfeitas, utilização de drogas, índices de litígios, suicídios, evasão fiscal. O capital social caracteriza-se pelas normas cooperativas; assim, a falta do capital social é refletida pelo afastamento dos padrões sociais (Fukuyama, 2000).

Onyx e Bullen (2000) realizaram um trabalho com base no conceito de capital social de Coleman (1988) e Putnam (2000). O intuito das pesquisadoras era identificar os elementos relacionados ao capital social; identificar fatores do capital social que possam ser testados em outras comunidades; verificar a correlação das variáveis com o gênero e a demografia; e descrever a distribuição do capital social nas comunidades estudadas.

As autoras destacaram alguns itens a fim de mensurar o potencial dos elementos do capital social (participação em redes, reciprocidade, confiança, normas sociais, costumes, redes sociais). Para tanto, elaboraram um questionário contendo 68 itens que foram aplicados a 1.200 pessoas em cinco comunidades australianas: duas rurais, duas nas extremidades e uma no centro da cidade de Sydney (Currie e Stanley, 2008).

Ao final do trabalho, Onyx e Bullen (2000) identificaram oito elementos que foram considerados como os que melhor definem o capital social: participação na comunidade local; propensão ao ativismo social; sentimentos de confiança e segurança; conexões na vizinhança; conexões com a família e amigos; tolerância da diversidade; valor do trabalho; e conexões no trabalho.

Já o Banco Mundial (2009a) desenvolveu um questionário que auxilia na mensuração do capital social em pesquisas de levantamento de índices de pobreza ou *surveys* nacionais sobre capital social. Desenvolvido por um grupo de consultores, o Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS) tem como objetivo fornecer ao pesquisador um conjunto de questões do tipo *survey* a fim de auxiliar na geração de dados quantitativos sobre várias dimensões do capital social.

A *survey* desenvolvida pelo Banco Mundial (2009b) abrange, em sua análise, as dimensões “estrutural” (associação do grupo) e “cognitiva” (percepções subjetivas da confiança e das normas) do capital social. Destaca também as principais formas por meio das quais o capital social opera, bem como as áreas de aplicação ou resultados. No QI-MCS são abordadas seis dimensões-chave para a mensuração do capital social:

- (a) Grupos e redes: categoria comumente associada ao capital social, nos grupos e redes são analisadas a natureza e a participação do membro do domicílio em organizações sociais e redes informais. São observados também a formação dessa rede ou grupo, a escolha dos líderes e o seu envolvimento com o grupo ao longo do tempo.
- (b) A confiança e solidariedade: destaca a busca por informações sobre a confiança em relação à vizinhança, provedores de serviços essenciais e pessoas estranhas à comunidade, além de destacar as questões tradicionais sobre confiança.
- (c) A ação coletiva e cooperação: leva em consideração o envolvimento dos indivíduos em trabalhos com outras pessoas da comunidade.
- (d) A informação e a comunicação: aborda a maneira como os domicílios pobres recebem informações no que tange às condições de mercado e serviços públicos.
- (e) Coesão e inclusão social: analisa as formas de divisão e as diferenças que podem resultar em conflito dentro das comunidades. Busca-se, com essa dimensão, entender a natureza e o tamanho das diferenças entre os grupos e como essas diferenças são gerenciadas. Outro aspecto analisado nessa dimensão é a identificação dos grupos que são excluídos dos serviços públicos essenciais.
- (f) Autoridade (ou capacitação) e ação política: essa dimensão busca apurar o sentimento de felicidade, eficácia e capacidade dos indivíduos em influenciar eventos locais em resposta a políticas mais amplas. Destaca-se que “os indivíduos têm ‘autoridade’ ou são ‘capacitados’ (*are ‘empowered’*) na medida em que detêm um certo controle sobre instituições e processos que afetam diretamente seu bem-estar” (Banco Mundial, 2009b).

Considerado um recurso socioestrutural, o capital social está inerente nas relações entre as pessoas. Por ser um bem intangível e ter características subjetivas a cada indivíduo, esse capital não pode ser facilmente trocado, ou seja, as amizades e as obrigações próprias de cada rede não são passíveis de transferência entre indivíduos. Devido à sua complexidade, a compreensão do conceito de capital social é importante para o entendimento da dinâmica institucional, da inovação e do valor agregado.

Método

De natureza descritiva, o estudo tem como objetivo avaliar o nível de capital social dos estudantes universitários em três municípios do Extremo Oeste Catarinense: Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste. Esses municípios possuem 72.503 habitantes (IBGE, 2010). Esse trabalho apresenta também como propósito identificar fatores relevantes na geração e desenvolvimento do capital social na percepção dos acadêmicos dos cursos de Administração e Agronomia de uma instituição de ensino superior local.

A instituição escolhida para o desenvolvimento do estudo foi a Universidade do Oeste de Santa Catarina, UNOESC. Nascida de um sonho quase impossível no final da década de 60, seu objetivo era levar o ensino superior para o interior do estado de Santa Catarina. Atualmente, a Unoesc é uma das maiores organizações propulsoras do desenvolvimento do Meio-Oeste e Oeste catarinense. A instituição abrange uma área geográfica que vai do planalto central catarinense, até a fronteira com a Argentina, atingindo o sudoeste do Paraná e o noroeste do Rio Grande do Sul. Seus cursos de graduação e pós-graduação são voltados ao desenvolvimento humano, social, cultural, científico e tecnológico, a uma população de mais de 1 milhão de pessoas. Foi constituída pela unificação de quatro fundações isoladas de ensino superior; a Unoesc tem seus *campi* nas cidades de Joaçaba – sua sede administrativa – Videira, Xanxerê e São Miguel do Oeste.

O campus de São Miguel do Oeste, que iniciou suas atividades no ano de 1986 com o curso de Administração, possui cinco *Campi* Aproximados que estão localizados nos municípios de Pinhalzinho, Cunha Porã, Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste e Unidade de Mondaí. Atualmente, a instituição possui em torno de 4.300 alunos matriculados na graduação e 700 nos cursos de pós-graduação.

A amostra é não probabilística e foi escolhida por conveniência, utilizando-se os alunos matriculados nos cursos de Administração dos municípios de Maravilha e São Miguel do Oeste e no curso de Agronomia do município de São José do Cedro. Dos 435 alunos matriculados no segundo semestre de 2009, responderam ao questionário 268 alunos.

Com base na pesquisa bibliográfica que foi fundamentada nos estudos de Macke (2006), Macke *et al.* (2010), e tendo como base o modelo desenvolvido por Onyx e Bullen (2000) para o seu estudo na Austrália, foi elaborado o instrumento para a coleta de dados dessa pesquisa. Esse instrumento, que consiste em um questionário, é composto por duas partes, sendo a primeira formada por questões que visam à obtenção de informações gerais sobre o respondente.

A segunda parte do questionário consiste em 38 perguntas que eram respondidas pelos pesquisados de acordo com o nível de concordância ou discordância. Para essa avaliação foi utilizada a escala *Likert*, com quatro pontos para avaliação das relações dos respondentes no âmbito da sua comunidade.

A análise dos dados obtidos por meio da pesquisa foi realizada utilizando-se as seguintes técnicas: análise fatorial, análise de regressão e análise de variância. Os resultados foram analisados por meio do cruzamento dos dados utilizando o software SPSS (*Statistical Package for the Social Science*). A Análise Fatorial utilizada na pesquisa tem como objetivo reduzir os dados e sumariá-los. A Análise de Regressão Linear identifica o peso que cada dimensão possui para determinar a percepção dos pesquisados, de maneira geral, e a Análise de Variância verifica a existência de diferenças nas respostas de acordo com grupos de respondentes.

Análise dos resultados

A análise dos resultados está dividida em análise descritiva, análise fatorial, análise de variância e regressão linear.

Análise descritiva

As 268 respostas que forma submetidas à análise descritiva resultaram em médias que oscilaram entre 1,52 e 3,61, com desvio padrão 0,623 a 1,113. Abaixo destacamos algumas características observadas na pesquisa:

- (a) 57,1% residem no mesmo bairro há mais de 10 anos;
- (b) 95,1% têm idade entre 20 e 30 anos;
- (c) 77,2% são solteiros;
- (d) 57,5% são do gênero masculino;
- (e) 79,9% exercem atividade remunerada;
- (f) 19% participam de algum tipo de atividade política.

As variáveis com menores médias são aquelas relacionadas à participação em grupos e associações (*"participa de algum grupo"*, *"é membro ativo de associação"*).

Por outro lado, as variáveis com maiores médias referem-se ao relacionamento com as pessoas e no ambiente de trabalho (*"conversa com muitas pessoas diariamente"*, *"sente-se parte de uma equipe de trabalho"*, *"toma a iniciativa no trabalho"*).

Análise fatorial

Por análise fatorial entende-se a técnica utilizada para "sintetizar as informações de um grande número de variáveis em um número bem menor de variáveis e fatores" (Hair *et al.*, 1998, p. 321). A primeira solução da análise fatorial resultou em 11 fatores. Após eliminadas as variáveis com baixas comunalidades, foi encontrada uma solução final com oito fatores. As respostas da amostra dos acadêmicos da Universidade do Oeste de Santa Catarina foram submetidas à análise fatorial do tipo PCA (Principal Component Analysis), com rotação *varimax* e tratamento *pairwise*. Para Hair *et al.* (1998) e Pestana e Gageiro (2000), a Medida de Adequacidade da Amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) deve ser igual ou superior 0,80. Dessa forma, o índice

encontrado pela amostra analisada está sutilmente abaixo desse número, uma vez que foi de 0,780. O total da variância é explicada com oito fatores que representam 61,141%.

Para verificar a medida de consistência interna de escalas de múltiplos itens, utiliza-se o Alfa de Cronbach (Pestana e Gageiro, 2000). De acordo com Hair *et al.* (1998), os valores do Alfa de Cronbach aceitáveis devem variar de 0,70 a 1,00. Para Malhotra (2001), o Alfa considerado ideal para as pesquisas exploratórias das ciências sociais deve ser superior a 0,6. Os resultados encontrados na pesquisa estão descritos na Tabela 1.

Utilizou-se como base para a elaboração da pesquisa o trabalho desenvolvido por Macke *et al.* (2010), que por sua vez foi baseado no estudo realizado por Onyx e Bullen (2000). Alguns resultados encontrados nessas pesquisas foram semelhantes aos resultados encontrados junto aos acadêmicos da Unoesc.

O primeiro fator encontrado, "Participação na comunidade", é constituído pelas variáveis que se reportam à participação e ao envolvimento dos indivíduos na comunidade em que estão inseridos. De acordo com a bibliografia estudada, esse fator é altamente explicativo do capital social no grupo analisado. No entanto, as médias das variáveis não geraram valores muito altos, o que significa que há muito que fortalecer em termos de Participação na Comunidade junto aos acadêmicos da Instituição pesquisada.

Os "Vínculos de vizinhança", segundo fator, representam o capital social de conexão, ou seja, as relações entre os vizinhos. As variáveis encontradas nesse fator refletem as relações de ajuda mútua no ambiente familiar, assim como com as pessoas mais próximas, residentes na mesma rua ou bairro.

O terceiro fator diz respeito aos "Vínculos de trabalho". As variáveis encontradas para esse fator destacam a sutil delimitação entre a vida profissional e pessoal. Percebe-se que o ambiente de trabalho passa a ter uma representatividade maior no cotidiano do indivíduo quando afirma que "os colegas de trabalho são também amigos" e "sente-se parte da comunidade onde trabalha".

O quarto fator reflete o "Sentimento de segurança". Esse fator diz respeito à dimensão relacional do capital social, que tem como principal elemento a confiança. É possível perceber esse elemento nas variáveis que destacam o "sentir-se seguro" no local onde residem.

A confiança pode ser conceituada como um sentimento de expectativa positiva e a crença de que um indivíduo vai se comportar de uma forma benéfica (Rousseau *et al.*, 1998; Carolis e Saporito, 2006). Quando da inserção de um indivíduo em uma rede, origina-se a confiança relacional, ou seja, a crença de que o líder da rede atuará em benefício do grupo, uma vez que esse gestor deve preocupar-se com o bem-estar desse grupo. Essa confiança surge a partir de repetidas interações entre os indivíduos ao longo do tempo e é baseada na contínua reciprocidade, ou seja, na noção de que "eu vou fazer isso para você agora porque sei que você vai fazer alguma coisa para mim mais tarde" (Adler e Kwon, 2002; Nahapiet e Ghoshal, 1998; Carolis e Saporito, 2006; Rousseau *et al.*, 1998).

Tabela 1. Fatores, cargas fatoriais e Alfa de Cronbach.

Table 1. Factors, loadings and Cronbach' alphas.

Fator	Alpha de Cronbach	Variável	Carga	Média
1. Participação na comunidade	0,783	É membro ativo de associação	0,842	1,74
		Participa de algum grupo	0,767	1,52
		Participa como voluntário	0,752	2,01
		Participa em eventos	0,650	2,52
2. Vínculos de vizinhança	0,657	Solicita a vizinhos para cuidar de criança	0,736	2,69
		Visitou algum vizinho recentemente	0,724	2,42
		Sente-se entre amigos no bairro	0,531	3,11
		Ajudou algum vizinho doente	0,527	2,54
3. Vínculos de trabalho	0,661	Colegas de trabalho são também amigos	0,768	3,43
		Sente-se parte de uma equipe de trabalho	0,724	3,54
		Sente-se parte da comunidade onde trabalha	0,497	2,87
4. Sentimento de segurança	0,637	Bairro tem fama de ser local seguro	0,804	3,45
		Sente-se seguro à noite no bairro	0,736	3,22
		Sentimento de lar no bairro	0,632	3,11
5. Vínculos de amizade	0,555	Costuma trocar e-mails com amigos	0,671	3,33
		Costuma telefonar para amigos	0,582	2,82
		Conversa com muitas pessoas diariamente	0,561	3,61
		Costuma almoçar ou jantar com amigos	0,516	3,17
6. Proatividade social	0,596	Toma iniciativa no trabalho	0,819	3,53
		Ajuda colegas de trabalho	0,734	3,48
		Esforça-se para mediar vizinhos	0,475	2,99
		Quando necessita de informações, sabe com quem conversar	0,465	3,46
7. Tolerância à diversidade	0,576	Gosta de viver entre pessoas com diferentes estilos de vida	0,813	3,11
		Gosta de diversidade de culturas	0,699	3,26
8. Reciprocidade	0,503	Recolheu lixo de outros	0,800	2,44
		Ajudou em alguma emergência	0,691	2,40

Fonte: Dados primários.

O quinto fator encontrado, "Vínculos de amizade", agrupou variáveis como o contato com os amigos, seja por meio eletrônico, telefone ou pessoalmente. Observa-se que esse vínculo que se mantém com os amigos é reflexo das necessidades que se impunham aos imigrantes no período da colonização. Exigia-se que as pessoas se organizassem coletivamente e cultivassem o bom relacionamento com seus próximos, fatores que "foram determinantes à sobrevivência dessas novas comunidades, além de fator de proteção que lhes viabilizou a existência e a reprodução social. No coletivo a população buscou sentido para a vida local" (Eidt, 2009, *in* Fontana, 2009, p. 17).

A "Proatividade social", sexto fator, representa as redes de contato e refere-se ao aspecto estrutural do capital social. A

proatividade consiste na antecipação de situações que podem refletir em oportunidades tanto no ambiente de trabalho "toma iniciativa no trabalho", "ajuda colegas de trabalho", na atuação do indivíduo na sua comunidade "esforça-se para mediar vizinhos" e na convicção de saber com quem conversar no caso de necessitar de alguma informação.

O sétimo fator, "Tolerância à diversidade", representa o relacionamento que se estabelece entre os grupos. Esse fator pode ser compreendido na amostra estudada por ser representada por acadêmicos que têm em seu ambiente de estudos colegas com diferentes estilos de vida e culturas.

O oitavo fator diz respeito à "Reciprocidade", ou seja, elementos que denotam obrigações e expectativas que geram um comprometimento para com o próximo em uma necessi-

dade futura. Destaca-se que esse fator, somado à participação cívica, resulta na combinação propícia à criação e manutenção dos estoques de capital social. Por reciprocidade Onyx e Bullen (2000) entendem a ação ou fornecimento de serviços em benefício de outros com expectativas de que esta ação retorne em seu próprio benefício em uma necessidade futura. Coleman (1988) entende que a reciprocidade consiste na retribuição de um favor.

De maneira geral observa-se, com relação aos dados gerados pelo software, que o Alfa de Cronbach dos fatores 1 a 4 supera o número mínimo sugerido por Malhotra (2001). No entanto, esse indicador é inferior a 0,6 nos demais fatores (*vínculos de amizade, proatividade social, tolerância à diversidade e reciprocidade*). Esse resultado nos leva a considerar a necessidade de fortalecer esses fatores com o intuito de elevar os estoques de capital social nesses grupos.

A carga fatorial, considerada significativa quando resulta em números superiores a 0,4, mostra grande variação entre a máxima e a mínima nas variáveis dos oito fatores encontrados. Outro aspecto importante de ser destacado diz respeito às médias geradas para as variáveis. Para os oito fatores, as médias resultaram em valores consideravelmente baixos, com especial destaque para o fator 1, cuja representatividade no contexto do capital social é significativa.

Análise de variância (ANOVA)

Análise de Variância (ANOVA) é um teste realizado para avaliar as diferenças estatísticas existentes entre as médias de dois ou mais grupos (Hair *et al.*, 1998). Com essa técnica é possível verificar se há diferença entre as médias dos grupos; no entanto, ela não identifica onde estão essas diferenças.

Na Tabela 2, estão descritas as variações das médias dos fatores relacionadas aos grupos de respondentes, além da apresentação do grau de significância de cada ANOVA. Para a análise dos resultados descritos na tabela abaixo, considera-se que $P < 0,05$, ou seja, quando P é menor que 0,05, a diferença das médias dos respondentes é estatisticamente significativa. E quanto menor o P , mais significativa a diferença. Para Cooper e Schindler (2003), quanto maior o nível- p , a confiabilidade da relação entre as variáveis da amostra é menor e, consequentemente, menor será a relação entre essas variáveis na população.

No caso da amostra analisada, observa-se que os valores gerados pela significância, na relação entre variável e fator, são inferiores a 0,05. Dessa forma, considera-se que os resultados encontrados na amostra são considerados verdadeiros, ou seja, representam o que realmente ocorre na população.

Tabela 2. Relação significativa entre fatores e variáveis de controle.

Table 2. Significant relations between factors and control variables.

Fator	Variável	Sig.	Efeito
2. Vínculos de vizinhança	Tempo de bairro	0,001	Quanto maior o tempo de bairro maiores Vínculos de Vizinhança
3. Vínculos de trabalho	Tempo de bairro	0,046	Quanto maior o tempo de bairro maiores Vínculos de Trabalho
	Está trabalhando	0,022	Quem está trabalhando tem maiores Vínculos de Trabalho
4. Sentimento de segurança	Naturalidade	0,010	Quem é natural de São Miguel do Oeste tem menor Sentimento de Segurança
	Tempo de bairro	0,016	Quanto maior o tempo de bairro maior Sentimento de Segurança
	Gênero	0,000	Homens têm maior Sentimento de Segurança
	Cidade	0,000	Os moradores de São José do Cedro têm maior Sentimento de Segurança
5. Vínculos de amizade	Filhos	0,037	Quem não tem filhos tem maiores Vínculos de Amizade
6. Proatividade social	Está trabalhando	0,000	Quem está trabalhando tem maior Proatividade Social
7. Tolerância à diversidade	Idade	0,011	As pessoas mais jovens têm maior Tolerância à Diversidade
	Cidade	0,031	Os moradores de Maravilha têm menor Tolerância à Diversidade
8. Reciprocidade	Idade	0,026	As pessoas mais jovens têm maior Reciprocidade
	Semestre	0,028	Os alunos com maior tempo de curso têm maior reciprocidade
	Política	0,018	Quem participa de atividade política tem maior Reciprocidade

Fonte: Dados primários.

A análise dos resultados nos leva a inferir que as variáveis *Estado civil* e *Renda* não apresentaram diferenças estatisticamente significativas para os fatores. Destaca-se também que o fator 1 (*Participação na comunidade*) e o fator geral (*Capital social*) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas para nenhuma das variáveis de identificação.

O fator 2 (*Vínculos de vizinhança*) enfatiza uma relação diretamente proporcional, ou seja, os vínculos de vizinhança são mais estreitos quanto maior for o tempo de residência no bairro (característica enfatizada pelo fator 4). Da mesma forma pode-se observar esse resultado no fator 3 (*Vínculos de trabalho*), quando o efeito diz ser maior o vínculo de trabalho em indivíduos que estão trabalhando e que possuam maior tempo de bairro, e no fator 6 (*Proatividade social*).

Verifica-se também que, da amostra, as pessoas mais jovens têm maior tolerância à diversidade (fator 7) e reciprocidade (fator 8). No fator 8, também se verifica ser maior a reciprocidade em pessoas com maior tempo de curso e participação política. Os vínculos de amizade são maiores nos grupos que não possuem filhos (fator 5).

Análise da Regressão linear

A Análise de Regressão, para Hair *et al.* (1998) talvez seja a técnica de análise de dados mais utilizada para a mensuração de relações lineares entre duas ou mais variáveis, bem como a força dessa relação. Essa análise é caracterizada como um "processo estatístico para analisar relações associativas entre uma variável dependente métrica e uma ou mais variáveis independentes" (Malhotra, 2001, p. 459). A técnica da regressão linear foi utilizada para analisar a relação das variáveis com o fator geral "Capital social" (Tabela 3).

Observa-se que os elementos que caracterizam o capital social, tais como a confiança, a solidariedade, o acolhimento, a cooperação, as normas de reciprocidade, a valorização do indivíduo e as amizades, estão presentes, com médias consideráveis,

na amostra analisada. Essas variáveis elevam o Alfa de Cronbach para o Fator Capital Social para um nível significativo (0,759).

Na Tabela 4, estão descritos os fatores que entraram no modelo de análise do método *stepwise*. Destaca-se que os fatores 5 e 6 ficaram fora do modelo e que o percentual de explicação total do modelo foi de 40,2% (só o fator 2 explica 25,5%).

O Teste de Durbin-Watson próximo de 2 indica não haver autocorrelação entre os resíduos, ou seja, há independência entre as variáveis aleatórias residuais indicando covariância nula. Sendo assim, pode-se dizer que a relação existente entre as variáveis não caracteriza o chamado efeito espúrio, ou seja, possui efeito de confirmação, é coerente. Os resultados encontrados para o Teste de Durbin-Watson confirmam a qualidade do modelo.

Considerações finais

Como podemos analisar, as variáveis que apresentaram menores níveis de capital social foram aquelas relacionadas à participação na comunidade (menores médias). Já as variáveis que obtiveram melhor desempenho foram aquelas relacionadas ao sentimento de segurança, que podem ser explicadas pelo fato de 57,1% dos entrevistados morarem no mesmo bairro há mais de 10 anos; fato característico da amostra é que 95,1% desses têm entre 20 e 30 anos, 77,2% são solteiros e sem filhos, o que favorece os vínculos de amizade. Esse sentimento de segurança é reforçado pelo *status* de Santa Catarina ser a unidade federativa menos violenta do Brasil e possuir o menor índice de criminalidade da Região Sul (Waiselfisz, 2010).

Outro fato importante é que 79,9% dos respondentes exercem atividade remunerada, o que fortalece os vínculos relacionados ao trabalho. Isso pode ser explicado quando analisados alguns aspectos culturais da região do oeste catarinense, pois o mesmo foi colonizado por gaúchos de origem italiana e alemã na primeira metade do século XX, levando consigo o culto ao trabalho, que acarreta uma sobrecarga no tempo dedicado

Tabela 3. Variáveis do fator geral.
Table 3. Variables of general factor.

Fator geral	Alpha de Cronbach	Variável	Média
Capital social	0,759	De forma geral, há confiança	2,69
		De forma geral, há solidariedade	1,95
		De forma geral, há acolhimento	2,87
		De forma geral, há cooperação	2,71
		De forma geral, há normas de reciprocidade	2,56
		Sente-se valorizado no bairro	2,92
		Recebe ajuda de amigo quando precisa	3,28

Fonte: Dados primários.

Tabela 4. Fatores que entraram no modelo.

Table 4. Factors that entered in the model.

Fatores que entraram no modelo	R	R ²	R ² ajustado	Desvio-padrão	Durbin-Watson
Fator 2 (Vínculos de vizinhança)	0,505	0,255	0,252	0,4655	
Fator 2 + Fator 3 (Vínculos de trabalho)	0,576	0,332	0,327	0,4416	
Fator 2 + Fator 3 + Fator 4 (Sentimento de segurança)	0,617	0,380	0,373	0,4261	
Fator 2+ Fator 3+ Fator 4 + Fator 1 (Participação na comunidade)	0,627	0,394	0,385	0,4223	
Fator 2+ Fator 3+ Fator 4 + Fator 1 + Fator 7 (Tolerância à diversidade)	0,638	0,407	0,395	0,4186	
Fator 2+ Fator 3+ Fator 4 + Fator 1 + Fator 7 + Fator 8 (Reciprocidade)	0,645	0,416	0,402	0,4162	1,777

Fonte: Dados primários.

à empresa em detrimento da parcela de tempo que sobra para participação na comunidade local.

Esses dois fatores comentados acima, sentimento de segurança e vínculos relacionados ao trabalho, juntos, explicam 32,7% da variância, o que significa que são responsáveis por um terço do nível de capital social das comunidades estudadas. No estudo também podemos verificar uma forte presença do capital social relacional que privilegia a confiança e pode ser entendida como a crença de que a ação de determinada pessoa é adequada no nosso ponto de vista; isso é reforçado pelo fato de uma proporção significativa dos entrevistados virem de outras cidades e não morarem com a família, desenvolvendo assim uma proatividade social maior com alguma tolerância à diversidade de culturas, além do tempo que a maioria se conhece e mora no bairro.

Os fatores explicativos de capital social encontrados corroboram a teoria, diferindo ligeiramente dos resultados encontrados em outras pesquisas. A essência, no entanto, mostra-se inalterada; o que muda são alguns relacionamentos entre variáveis, os quais produzem diferentes nuances dentro dos fatores encontrados.

Este estudo não pretende esgotar a discussão dos resultados encontrados, mas sim utilizar o mesmo como referencial inicial para a continuidade das pesquisas sobre capital social na cidade e região em estudo. A riqueza de informações e os *insights* gerados permitem o levantamento de novas questões de pesquisa.

Referências

- ADLER, P.; KWON, S. 2002. Social capital: Prospects for a new concept. *Academy of Management Review*, 27:17-40.
- ALBAGLI, S.; MACIEL, M.L. 2002. *Capital social e empreendedorismo local: proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas*. Rio de Janeiro, UFRJ, 29 p.
- ALDRICH, H.; ZIMMER, C. 1986. Entrepreneurship through social networks. In: D. SEXTON; R. SMILOR (eds.), *The art and science of entrepreneurship*. Cambridge, Ballinger, p. 3-23.
- ARAUJO, M.C. 2003. *Capital social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 66 p.
- BANCO MUNDIAL. 2009a. Disponível em: <http://web.worldbank.org>. Acesso em: 30/11/2009.
- BANCO MUNDIAL. 2009b. Questionário Integrado para Medir Capital Social. Disponível em: <http://www.contentdigital.com.br/textos/comunidades/Questionario%20Integrado%20para%20medir%20Capital%20Social%20Banco%20Mundial.pdf>. Acesso em: 19/11/2009.
- BEBBINGTON, A. 2007. Social capital and development studies II: can Bourdieu travel to policy? *Progress in Development Studies*, 7(2):155-162. <http://dx.doi.org/10.1177/146499340600700205>
- BIRLEY, S. 1985. The role of networks in the entrepreneurial process. *Journal of Business Venturing*, 1:107-118. [http://dx.doi.org/10.1016/0883-9026\(85\)90010-2](http://dx.doi.org/10.1016/0883-9026(85)90010-2)
- BOURDIEU, P. 1986. The Forms of Capital. In: J.G. RICHARDSON (ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York, Greenwood, p. 241-258.
- BOURDIEU, P. 2000. *O poder simbólico*. 3ª ed., São Paulo, Bertrand Brasil, 311 p.
- BOURDIEU, P. 1996. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, Papirus, 224 p.
- BURT, R.S. 1992. *Structural holes: The social structure of competition*. Cambridge, Harvard University Press, 313 p.
- CAROLIS, D.M. de; SAPARITO, P. 2006. Social capital, cognition, and entrepreneurial opportunities: A theoretical framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(1):41-56.
- COLEMAN, J.S. 1988. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, 94:95-120. <http://dx.doi.org/10.1086/228943>
- COOPER, D.R.; SCHINDLER, P.S. 2003. *Métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre, Bookman, 640 p.
- CURRIE, G.; STANLEY, J. 2008. Investigating links between social capital and public transport. *Transport Reviews*, 28(4):529-547. <http://dx.doi.org/10.1080/01441640701817197>
- FOLEY, M.; EDWARDS, B. 1999. Is it time to disinvest in social capital? *Journal of Public Policy*, 19:141-173. <http://dx.doi.org/10.1017/S0143814X99000215>
- FONTANA, A. 2009. *Sete de setembro: independência ou tornado? História de resistência e luta pela vida*. Joaçaba, Ed. Unoesc, 168 p.
- FUKUYAMA, F. 2000. *A grande ruptura: a natureza humana e a reconstrução da ordem social*. Rio de Janeiro, Rocco, 344 p.
- GAGG, M. VAN DER; SNIJDERS, T.A.B. 2003. *A comparison of measures for individual social capital*. Groningen, University of Groningen, 31 p.

- HAIR Jr., J.F.; ANDERSON, R.E.; TATHAM, W.B. 1998. *Multivariate data analysis*. 5ª ed., Upper Saddle River, Prentice Hall, 435 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2010. Banco de Dados Agregados. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14/01/2010.
- LEE, L.T.-S.; SUKOCO, B.M. 2007. The effects of entrepreneurial orientation and knowledge management capability on organizational effectiveness in Taiwan: The moderating role of social capital. *International Journal of Management*, 24(3):459-572
- LI, L.; BARNER-RASMUSSEN, W.; BJÖRKMAN, I. 2007. What difference does the location make?: A social capital perspective on transfer of knowledge from multinational corporation subsidiaries located in China and Finland. *Asia Pacific Business Review*, 13(2):233-249. <http://dx.doi.org/10.1080/13602380601133185>
- LIN, C.-Y.; CAO, N.; LIU, S.X.; PAPADIMITRIOU, S.; SUN, J.; YAN, X. 2009. SmallBlue: Social network analysis for expertise search and collective intelligence. In: IEEE INTERNATIONAL CONFERENCE ON DATA ENGINEERING, 25, SHANGHAI, 2009. *Anais...* SHANGHAI, p. 1483-1486.
- MACKE, J. 2006. *Programas de responsabilidade social corporativa e capital social: contribuição para o desenvolvimento local?* Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 307 p.
- MACKE, J.; SARATE, J.A.R.; DAMACENA, C. 2010. Avaliação do capital social em uma cidade gaúcha: a percepção dos estudantes de administração. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, 16(3):365-389.
- MALHOTRA, N. 2001. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 3ª ed., Porto Alegre, Bookman, 719 p.
- MEDA, D. 2002. Le capital social: un point de vue critique. *L'Economie Politique*, 14:36-45.
- MILANI, C. 2003. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). Salvador, UFBA. Disponível em: <http://www.adm.ufba.br/capitalsocial>. Acesso em: 10/01/2010.
- MOLYNEUX, M. 2002. Gender and the silences of social capital: Lessons from Latin America. *Development and Change*, 33:167-188.
- NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. 1998. Social capital, intellectual capital and the organizational advantage. *Academy of Management Review*, 23(2):242-266.
- NATIONAL STATISTICS. 2001. *Social Capital: A review of the literature*. United Kingdom, Social Analysis and Reporting Division Office for National Statistics, 45 p.
- OECD. 2009. Organization for Economics Cooperation and Development. *Glossary of statistical terms*. Disponível em: <http://stats.oecd.org/glossary/detail.asp?ID=3560>. Acesso em: 30/11/2009.
- ONYX, J.; BULLEN, P. 2000. Measuring social capital in five communities. *Journal of Applied Behavioral Science*, 36(1):23-42. <http://dx.doi.org/10.1177/0021886300361002>
- PASSEY, A.; LYONS, M. 2006. Nonprofits and Social Capital measurement through organizational surveys. *Nonprofit Management & Leadership*, 16(4):481-495. <http://dx.doi.org/10.1002/nml.122>
- PESTANA, J.N.; GAGEIRO, M.H. 2000. *Análise de dados para ciências sociais: A complementariedade do SPSS*. Lisboa, Sílabo, 569 p.
- PUTNAM, R.D. 2000. *Bowling alone: The collapse and revival of American Community*. New York, Simon & Schuster, 540 p.
- PUTNAM, R.D.; LEONARDI, R.; NANETTI, R. 2002. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 257 p.
- ROUSSEAU, D.; SITKIN, S.; BURT, R.; CAMERER, C. 1998. Not so different after all: A cross-discipline view of trust. *Academy of Management Review*, 23:393-404. <http://dx.doi.org/10.5465/AMR.1998.926617>
- SABATINI, F. 2008. Social Capital and the quality of economic development. *Kyklos*, 61(3):466-499. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6435.2008.00413.x>
- SAGUARO. 2009. *The report of the Saguaro Seminar: Civic engagement in America*. Disponível em: http://www.bettertogether.org/bt_report.pdf. Acesso em: 30/11/2009.
- SIISIÄINEN, M. 2000. Two concepts of Social Capital: Bourdieu vs. Putnam. In: INTERNATIONAL CONFERENCE "THE THIRD SECTOR: FOR WHAT AND FOR WHOM?", 4, Dublin, 2000. *Anais...* Dublin, Trinity College, p. 5-8
- TSAI, W.; GHOSHAL, S. 1998. Social capital and value creation: The role of intrafirm networks. *Academy of Management Journal*, 41:464-478. <http://dx.doi.org/10.2307/257085>
- UZZI, B.D. 1996. The sources and consequences of embeddedness for economic performance of organizations. *American Sociological Review*, 61:674-698. <http://dx.doi.org/10.2307/2096399>
- VALE, G.M.V.; AMÂNCIO, R.; LAURIA, M.C.P. 2006. Capital Social e suas implicações para o estudo das organizações. *O&S*, 13(36):45-63.
- WASELFISZ, J.J. 2010. *Mapa da violência no Brasil*. São Paulo, Instituto Sangari, 07 p.
- WALKER, G.; KOGUT, B.; SHAN, W. 1997. Social capital, structural holes and the formation of an industry network. *Organization Science*, 8:109-126. <http://dx.doi.org/10.1287/orsc.8.2.109>

Submetido: 22/09/2010

Aceito: 31/07/2011